Ano XXV — Lisboa, Setembro de 1969 — N.º 293

SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com "O Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino F. Macedo

Director-Adjunto
Joel Ribeiro

Redactor
Mariano Garcia

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telefs.: Redacção 63 66 07 — Administração 63 88 49 • Comp. e imp.: Livraria Cruz - Braga

TRINTA ANOS MAIS TARDE

No primeiro dia do mês que estamos a viver, fez trinta anos que principiou essa horrível tragédia, a II Guerra Mundial, que ceifou 55 milhões de preciosas vidas humanas, produziu sofrimentos sem conta, angústias sem fim. Nem aqueles povos que ficaram à margem da luta conseguiram furtar-se às suas dolorosas consequências. A guerra destruiu, esmagou, arrasou muito e muito daquilo que o homem tinha erguido à força de engenho, de suor, de sofrimento. A efeméride foi assinalada pelos órgãos de informação, mas não nos parece ocioso voltar ao tema, porque, embora se tenha verificado unanimidade de opiniões na condenação dos factos que levaram ao conflito armado, parece que nem sempre se dá inteira conta do paralelismo da época presente com as situações que produziram aquele desastre.

A brutal invasão da Polónia pelos exércitos germânicos na madrugada daquele triste primeiro dia de Setembro não constituiu surpresa para ninguém. O mundo fora pacientemente preparado para aquela hora e há muito que os povos vinham assistindo à gestação da guerra. Repetiam-se actos de dura violência; surgiam guerras locais; a força arvorava-se constantemente em lei que regulava as relações entre países. Imperavam então ideologias que faziam caloroso elogio da guerra à sombra de falso patriotismo. Exaltava-se o heroísmo bélico em discursatas onde era feito apelo aos instintos primários do homem, enquanto as multidões ululavam em apoteose de caudilhos políticos. Os movimentos que preconizavam a paz, a concórdia, a fraternidade entre os homens, eram ridicularizados e combatidos como perniciosos. O Escotismo não escapou a esta intriga e foi encarniçadamente perseguido. Apontavam-no como *internacionalista* e consideravam perigosos e suspeitos os seus elevados ideais de amizade entre os jovens de todas as latitudes, de todos os credos, de todas as raças. Quando a guerra começou existia já nos espíritos, onde os sentimentos de ódio tinham sido subtilmente destilados pelos propagandistas do belicismo. Por isso, ao toque das trombetas, os exércitos puderam avançar para os objectivos que lhes foram determinados, marchando entre filas do povo que os aclamavam

Depressa os povos acordaram do delírio a que tinham sido levados. As realidades foram tão evidentes que as aclamações logo cessaram, enquanto os tribunos emudeciam. Vieram depois as promessas: a guerra seria banida da face da terra. Os povos viveriam em paz. Os homens teriam liberdade contra o medo, contra a fome.

Continua pág. 5

O «SEMPRE PRONTO» NO 25.º ANIVERSÁRIO

O CONCURSO DE DESENHOS



Teve bastante aceitação este concurso que «Sempre Pronto» dedicou aos seus amigos mais novos e particularmente aos lobitos.

Cerca de quarenta trabalhos foram recebidos na nossa Redação, procedentes dos Grupos n.os 8, 84, e 94 da AEP e 53 do CNE, bem como de concorrentes sem filiação escoteira.

Entre todos os grupos, destacou-se notàvelmente o Grupo 84, do Entroncamento, que aderiu em peso ao concurso, enviando-nos o maior número de desenhos.

Depararam-se-nos magníficos desenhos, pintados a aguarela, guacho, carvão, lápis-de-cor e pastel, bem como colagens. Entre os temas admitidos, sobressaiu, sem dúvida, Como vi um acampamento escotista, **no qual a imaginação infantil deu largas ao entusiasmo e onde admirámos trabalhos em que o pormenor não foi esquecido (como o de um caracol mirando uma barraca e o de um coelho, de pé, olhando gulosamente para uma cenoura vermelha, quase tão alta como ele).**

As ideias de movimento e perspectiva também estiveram presentes em muitos trabalhos, em contraste imediato com o sentido de proporções do espaço, proporções naturalmente exageradas pelas mentalidades infantis.

Encantou-nos o colorido de muitos trabalhos. O «impressionismo» de dois desenhos deu que fazer ao júri, concordando

Continua na pág. 5

Sebastião da Gama

e os escoteiros

Quando agora li Sebastião da Gama, poeta e prosador, e professor de excepção, a par do prazer de o sentir tão nosso, tão perto do nosso coração, senti funda pena de cedo o havermos perdido.

Quem no-lo apresenta, numa formosa e nítida colectânea, com o título bem expressivo de «O Segredo é Amar» («Edições Ática», Maio de 69) é a poetisa, novelista e pedagoga D. Matilde Rosa Araújo, portadora dum encanto raro conseguido na arte de trazer para a virilidade, hoje a todos necessária, uma perfeita feminilidade.

A mão suave e firme, e o olhar compreensivo e penetrante da prefaciadora e organizadora destes escritos díspares, contos, artigos, conferências, páginas de diário, dissertação de licenciatura, antecede tudo isso com uma bela lição sobre a obra e o obreiro, gisando-lhe o retrato — para ficar.

Artista bem seguro do seu vernáculo, sabendo como poucos ser jovem amigo entre jovens, como ele sabia ver, e dizer o que via! Com que alegria sã e *contagiosa* (no moral a saúde contagia), ele, o «pagão baptizado», português total, polvilhava magistralmente de humor discreto, do sal ático dos mestres, a narrativa, o comento, a descrição, a visão da serra, «fóssil, de uma onda» a rir-se do mar...

Trago-o para aqui, rapazes, quando em Bordéus ouve parte de uma missa «...eram seis e meia mas havia gente a ouvi-la: muitos rapazes principalmente, vestidos de escoteiros. Foi talvez aí que eu comecei a sentir sobre o peito a beleza e a grandeza do reino de Deus que não havia de deixar-me em França. As minhas mãos, instintivamente, apertavam-se numa oração. Eu prometia a Deus achar pequeno tudo que não fosse Ele. Eu sentia-me vencedor de tudo que fora secura, amargura, vileza...»

Não posso reproduzir tudo quanto se segue, tão belo e profundo e alto. Mas recomendo-vo-lo. Aquela ma-

Continua na pág. 2

Que se passa com a Comissão Técnico-Pedagógica do A. E. P.?



Foi geralmente bem aceite a decisão tomada em meados de 1966 pela Direcção da A. E. P. ao criar a Comissão Técnico-Pedagógica, para a qual foram escolhidos dois jovens dirigentes, dinâmicos e empreendedores, já com suficientes provas dadas para se poder avaliar da sua dedicação e capacidade.

Aguardámos sinceramente algo de bom do seu trabalho e esperámos confiadamente os resultados positivos da sua acção.

Assim foi durante algum tempo, pois alguns dirigentes manifestaram abertamente a sua satisfação pelos contactos estabelecidos com aquela Comissão, que procurava ajudar os grupos a resolver alguns dos seus problemas e identificava os dirigentes associativos com os mesmos, procurando soluções, propondo, actuando, resolvendo, etc.

Em Lisboa, no Porto, no Entroncamento, no Algarve, a C. T. P. estabeleceu algumas vezes o sempre necessário mas nem sempre possível contacto vivo com os Serviços Centrais.

Todavia, caiu repentinamente o silêncio sobre o trabalho daquela Comissão e há cerca de um ano que os seus dirigentes, se bem que continuem a ser vistos nos meios escotistas, parecem ter deixado de se ocupar dos assuntos que parecia lhes terem sido confiados. Quais as causas de tal atitude?

«Sempre Pronto» acha-se na obrigação de esclarecer os seus leitores do que na verdade se passa e, para isso, decidimos ouvir Mariano Garcia que, com José Eduardo Pena Ribeiro, constitui a C. T. P.

Dado tratar-se de alguém desta Casa não nos foi difícil obter a entrevista. Também nos dispensamos de apresentações e entramos directamente no assunto que nos preocupa esclarecer.

— Terá cessado a actividade da C. T. P? — perguntámos.

— Sim. Há já alguns meses que o Escoteiro Chefe Geral nos solicitou directamente para deixarmos de comparecer às reuniões que com ele realizávamos frequentemente, aguardando informações suas para o recomeço da nossa actividade. Continuamos a aguardar, embora tenha decorrido já quase um ano.

— Quais as razões?

— Não sei. Traçámos as bases para um plano de actividades para os próximos dois anos. Creio que foi necessário consultar sobre tal plano os chefes dos núcleos, dos grupos, das tribos, das alcateias, os guias de patrulha, etc. É possível que tais consultas ainda não tenham acabado.

— Mas esse silêncio poderá entender-se por um convite à demissão — sugerimos.

— Sempre mantivemos com o Sr. Chefe Geral e demais dirigentes associativos as melhores relações de convivência. Por meu lado, habituei já toda a gente a ouvir-me dizer exactamente aquilo que penso. Espero ser tratado com a mesma rectidão de processos. Uma coisa é certa: não serei eu a pedir a demissão, pois não quero que mais uma vez me acusem de não querer colaborar.

— Qual a tua opinião sobre a orientação actual da A. E. P.?

— Há largos anos que a actividade associativa não tem sido de molde a servir o progresso do Escotismo. No entanto, continuo sinceramente confiante no entusiasmo do actual Escoteiro Chefe Geral. Há anos, ouvi-lhe dizer que teria de confiar no trabalho dos seus colaboradores, pois nada percebia de escotismo. Teve já tempo para aprender muito e é altura de não deixar que as coisas corram a belo prazer de pessoas cuja validade de processos o tempo se encarregou já de rejeitar.

Respeito pessoalmente todos os dirigentes associativos e aprecio sinceramente a dedicação de alguns, mas acho que já é tempo de compreenderem que seguimos rumo demasiado errado, para insistirmos nos mesmos processos que falham há mais de uma dezena de anos.

— Que achas se poderia fazer pelo desenvolvimento do Escotismo em Portugal?

— Os tempos heróicos do escotismo em Portugal já pertencem ao passado. Vivemos uma época em que muitos acreditam ser possível um brilhante incremento do movimento escoteiro, que goza agora de uma maior propaganda e de uma simpatia mais generalizada. Lembremo-nos, porém, que os jovens não se educam só com sorrisos e bonitos discursos. Para se ensinar o Escotismo é preciso praticá-lo e para o praticar é necessário conhecê-lo. A impreparação da quase totalidade dos actuais chefes de grupos e tribos não dá garantias sólidas para um crescimento prestigiante do movimento. Um programa válido de formação dos futuros chefes terá de estar na base desse ressurgimento.

— Podemos continuar a contar com o teu interesse e a tua participação activa para um escotismo melhor no nosso País?

— Há vinte anos que procuro entender a orientação do movimento escotista entre nós. Durante todo esse tempo, milhares de jovens passaram pelo movimento sem terem sequer percebido o que é o próprio Escotismo. Isso em nada abona a todos nós escoteiros adultos.

Tive a felicidade de aprender a mensagem de B. P. e de observar o movimento como se pratica noutros países e sinto a obrigação de servi-lo, embora já comece a sentir-me desiludido ou, talvez, ultrapassado.

Há um caminho muito longo a percorrer. Este deve ser proporcionado aos jovens. Estarei com eles se me julgarem útil.

ARMANDO INÁCIO

Dos amigos de «Sempre Pronto»

DE LUTO — Em 10 do corrente, faleceu a Sr.ª D. Elvira Ricardina Macedo Alves de Azevedo, de 76 anos de idade, viúva do regente agrícola Sr. António Dionízio Alves de Azevedo, e pai do nosso dedicado assinante e antigo escoteiro Senhor Henrique Alves de Azevedo, a quem dirigimos os nossos sentidos pêsames.

★ Também em 11 do corrente, faleceu a Sr.ª D. Antonieta Berta Silva Baptista, de 80 anos de idade, viúva do Senhor Rev.º Joaquim Rosa Baptista, que foi presidente da Direcção do Grupo n.º 94, de Lisboa. A falecida era mãe do nosso estimado assinante Sr. Américo Silva Baptista, a quem apresentamos sentidas condolências.

Sebastião da Gama e os escoteiros

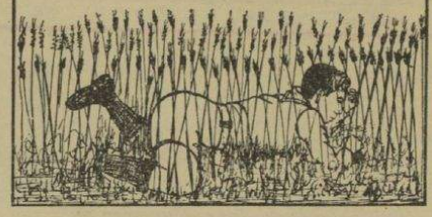
Continuação da pág. 1

drugada bordelesa poderá ainda ser fecunda para muitos madrugadores.

Um amigo prometeu-me a fotocópia dum soneto de S. G., creio que inédito. Quem sabe se voltarei, a pretexto de vos transmitir a dádiva, a falar dele?

Eduardo Moreira

POSTO DE OBSERVAÇÃO



Respeito

Uma das filarmónicas lá do meu sítio está em festa. Mais um aniversário na sua longa vida de não sei quantas dezenas de anos. O velho edifício que lhe serve de morada, profusamente iluminado, chama a atenção de quem passa para o momento de alegria que ali se vive. Olho a engalanada fachada principal, procurando relacioná-la com a alegre fanfarra que, manhã cedo, me acordara com os ritmados acordes de uma marcha militar. O quadro, porém, entristece-me pelo que me mostra de estupidez ou ignorância.

No único mastro existente, desfralda orgulhosamente o estandarte da colectividade, enquanto que nas varandas, *apenas como motivo decorativo*, entre outras, a Bandeira Nacional.

Não sei se é matéria que ainda faça parte do sobrecarregado programa do ensino primário nas nossas escolas. Eu aprendi, na escola modesta onde estudavam os meninos pobres da minha rua, o respeito que todo o cidadão deve à Bandeira Nacional, símbolo máximo da Pátria. Episódios maiores da nossa História, actos heróicos e gloriosos a que a Bandeira deu particular realce, eu escutei com admiração e respeito.

No Escotismo, aprendi a conhecer melhor a bandeira da Pátria, a traçar de cor o seu desenho, a explicar o significado de cada uma das suas linhas, a mexer-lhe com todo o respeito e a venerá-la na sua majestade.

Não posso, por isso, evitar uma certa perturbação quando a vejo motivo de decoração de uma montra, pano de uma janela, desprezada ou vilipendiada, como se fora farrapo sem importância.

Porque o mal é que esta falta de respeito não é exclusiva da charanga lá do meu bairro, antes parece dominar outros sectores de maiores responsabilidades. São edifícios públicos que a mantêm içada durante a noite, esquecendo o preceito de a guardar ao pôr do sol; são quartéis que a deixam tocar o chão, depois de arreada perante vistosa guarda de honra; são comerciantes que a utilizam para complemento decorativo das suas montras, de mistura com atrevidos «*baby dolls*» ou confortáveis ceroulas de flanela; são clubes que se servem dela como padrões e símbolo do seu partidarismo; são particulares que lhe dão o uso mais inconsciente e inverosímil.

Não há uma Lei ou regra que ensine a respeitar o mais alto símbolo da Nação?

Ou estarão errados os ensinamentos que ainda hoje os escoteiros transmitem fielmente aos mais jovens?

M. G.

Tomar consciência de que se é ignorante é ter dado um passo para a sabedoria.

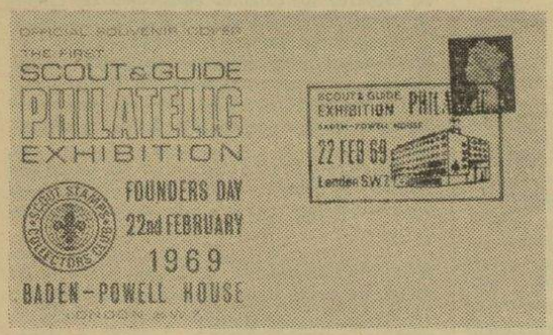
DISRAELI

Filatelia

por MENDES MARQUES

EXPOSIÇÕES

Na Inglaterra, pátria-mãe do movimento escotista, aproveitam-se todas as oportunidades para comemorar os eventos mais significativos que a ele respeitam.



Assim, este ano, o dia do Fundador — 22 de Fevereiro — foi comemorado com uma exposição filatélica que primou pela alta categoria do material exposto. Efectivamente, aos visitantes que demandaram a «Baden-Powell House», foi-lhes dado contemplar autênticas maravilhas do tema «Escotismo».

Foram 100 os quadros, correspondendo a 48 participações, tudo material seleccionado.

Das participações expostas e pelo que me é dado conhecer, eis as que feriram mais a minha atenção e que poderão constituir um indicativo para os leitores desta rubrica:

1-4 — Dinamarca (1924/67), de Georg Rasmussen;
5-7 — Suécia (1927/68), de Harald Thoursie;
12 e 29 — Sião 1920, de M. A. Bojanowicz e Frede Scherb;
13 — Índia «Rocket Post 1937», de M. A. Bojanowicz;
30 — Checoslováquia, de Fred Scherb;
38-41 — Hungria 1925 48 e Roménia 1931/36 de Fred Scherb;
56-57 — Checoslováquia (Posta Escotista 1918), de John Roake;
67 — Roménia e Polónia, de Walter Grob-Sigrist;
68 — Polónia — Varsóvia «Sewer Post», de Walter Grob-Sigrist.

Em «Baden-Powell House» funcionou um posto de correio para aposição do carimbo comemorativo da efeméride, que reproduzimos.

NOVIDADES

— As Filipinas, para comemorarem o 4.º Jambori Nacional, que teve lugar em Palyan, em Maio último, puseram em circulação os selos emitidos por ocasião dos 25 anos do escotismo feminino, devidamente sobrecarregados;

— A Guiana pôs em circulação, em 13 de Agosto, uma série de 4 valores para comemoração do 3.º Jambori das Caraíbas e 60.º aniversário do escotismo local.

VENDO OU TROCO

O mais diverso material do tema «Escotismo», como FDC, carimbos, blocos, selos, etc. Envio listas e à escolha. J. M. Mendes Marques — Seia.

UM CLUBE FILATÉLICO ESCOTISTA DO BENELUX

As oito associações escotistas dos países da Benelux (Bélgica, Holanda e Luxemburgo) criaram há cinco anos o Clube Escotista do Benelux dos Coleccionadores de Selos.

O 5.º aniversário foi agora celebrado com uma grande exposição realizada no Palácio do Congresso de Bruxelas.

O clube, cujo endereço é Dupontstraat, 24—Bruxelas (Bélgica), publica uma revista trimestral em francês e holandês, bem como um catálogo de selos escotistas e de guias.

XIX Poemeto filatélico

Diante do selo comemorativo do centenário da Imprensa Nacional, antiga Impressão Régia.

Uma lufada de ar fresco
traz o Marquês à Nação,
num meio fruste e grotesco,
fundando a Régia Impressão.

O trabalho alviçareiro
que o tempo valorizou
honrou a José Primeiro
que no Marquês confiou.

Eduardo Moreira

SONETO — 1.º Prémio dos I Jogos Florais Escotistas, organizados pelo Grupo n.º 7

«ACONTECEU POESIA»

Quando a gota de chuva cristalina
Deslizou docemente das alturas
E foi beijar a pétala mais fina,
Abandonando o reino das alvuras;

Quando o inconstante brilho do luar,
As lágrimas nos mostra, deslizando
E um coração saudoso a suspirar
Uma prece aos céus vai implorando;

Na rosada nudez duma criança
Que, sem temer o mundo, sempre avança
Ao encontro da mísera maldade,

Há sempre a poesia em incidência!...
'Té nas folhas que o vento na inclemência
Impiedoso arranca em crueldade...

Maria Liseta Tavares

22.ª Conferência Mundial de Escotismo

Em Helsínquia, cacapital da simpática Finlândia, reuniu, de 21 a 2 de Agosto passado, a 22.ª Conferência Mundial de Escotismo, o órgão legislativo do movimento escoteiro mundial, que conta 12 milhões de membros. Estiveram presentes cerca de 400 delegados, que representavam 70 dos 96 países membros. A Conferência reúne bienalmente, sendo a primeira que se realiza depois da reorganização do Movimento decidida em 1967 em Seattle, nos Estados Unidos.

Esta Conferência estudou principalmente o tema «Formação», tanto de chefes como dos rapazes, tendo sido apresentadas experiências feitas em diversos países e discutidas inovações introduzidas em várias associações.

Foram eleitos quatro novos membros do Conselho Mundial, que é constituído por doze.

Portugal esteve representado pelo Sr. Engenheiro José Maria Nobre Santos, chefe-geral adjunto dos Escoteiros de Portugal, que teve a gentileza de enviar, directamente de Helsínquia, uma saudação aos dirigentes e redactores de «Sempre Pronto».

Caminhemos com prudência

Por muito estranho que pareça, é necessário ao ser humano saber caminhar prudentemente. Como devemos estar de pé ou andar? O corpo humano não reage como uma ponta de um cano de seis pés sobre uma base de doze polegadas. É preciso apelar para uma multidão de músculos diferentes só para nos mantermos de pé. Para andar, é preciso mobilizar vários outros, que deverão funcionar juntos, numa sequência muito coordenada. Se cada músculo não desempenha o seu papel exacto no próprio momento, corre-se o risco de dar um salto brusco.

Para dar um passo, é preciso primeiramente inclinar-se levemente para a frente e depois estender o pé no momento próprio. Se o seu pé encontrar o menor entrave, tropeçará ou cairá. Se o chão estiver escorregadio, pode perder-se o equilíbrio, cambalear e cair.

Tentamos, portanto, ter sobrados seguros, desobstruídos, embora isto não seja tudo. Aquilo de que é preciso sobretudo lembrarmo-nos, é de ver onde caminhamos e aprender a andar prudentemente. A arte de bem caminhar adquire-se e podem evitar-se muitas quedas.

O importante é olhar sempre para a frente e levantar o pé bastante alto para transpor os obstáculos. Não é complicado, requer apenas um pouco de cuidado e de atenção.

Com a prática, acaba-se em pouco tempo por caminhar com cuidado. Com o tempo pode até aprender-se a evitar a queda quando se prende o pé num fio ou em qualquer outro objecto.

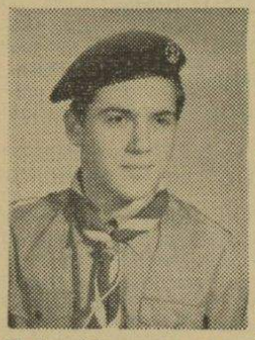
Se adquirirmos o hábito de andar prudentemente, evitaremos quedas no trabalho, em casa, na rua, por toda a parte onde andarmos.

Isto é mais importante ainda quando se trata de pessoas idosas, que caem mais vezes porque as suas reacções musculares são menos vivas e se tornam por isso menos seguras. Mas se tivermos o hábito de caminhar bem, quando chegarmos a velhos, evitaremos melhor as quedas.



PÁGINA DO ESCOTEIRO

INQUÉRITO AOS GUIAS



Nome: CARLOS ALBERTO LOPES LINIS.

Grupo n.º 23.

Classe escotista: 2.ª

Patrulha Lobo.

Estudante.

Idade: 17 anos.

Deslocámo-nos a Queluz, ao «23». Falámos com o Carlos Alberto, que é um guia crescido, de ideias firmes, prestes a deixar a Divisão Escoteira e a remar para os Caminheiros. As suas respostas são prontas e incisivas:

Pergunta: Há quanto tempo praticas escotismo?

Resposta: — Faz agora precisamente três anos.

P — E como guia de patrulha?

R — Um ano.

P. — Que fazes para que a tua patrulha seja boa?

R. — Crio jogos de patrulha para que os meus escoteiros sejam unidos e acamaradem. Realizo acampamentos onde ensino trabalhos técnicos de campo, a fim de criar espírito de competição.

P. — Os teus escoteiros estão interessados no trabalho da patrulha?

R. — Sim, estão, porque sabem que o trabalho que executam só poderá dar mais glória à patrulha.

P — Como encaras o movimento? Agrada ou não?

R O movimento agrada-me porque me ajuda a formar o carácter e me dá possibilidades de preparação para a vida.

P — Achas o método escoteiro válido para a actualidade ou será que se encontra antiquado no seu aspecto geral?

R — Em Portugal penso que se encontra antiquado.

P. Porquê?

R. — Porque há falta de cursos de chefes, especialmente na Divisão Lobito, o que obriga os chefes a exercer os cargos e a não darem oportunidade a que novos chefes sejam orientados e que tragam novas ideias ao movimento. Porque são insuficientes os cursos de guias e as actividades interpatrulhas ao nível associativo ou de Núcleos Porque, e este é outro aspecto da questão, há falta de apoio da parte das entidades competentes, a fim de que a evolução seja produtiva.

P. Que opinião formulas sobre a pessoa de B.-P?

R. — A perfeição dentro da perfeição.

P. Tens alguns planos, na tribo ou na patrulha, que gostarias fossem adoptados no escotismo?

R. Tenho Consegui que a minha patrulha atingisse a perfeição nos aspectos técnico e disciplinar. Organizar, em colaboração com os guias do meu grupo, um concurso interpatrulhas dentro do próprio grupo, visto que a Associação não organiza nenhum.

P. — Achas suficientes os cursos de guias que são ministrados pela Associação?

R. Não, porque só se organizaram três, o que para nós representa muito pouco.

P. — A tua patrulha assina ou lê o «Sempre Pronto»?

Achas que o jornal agrade? Porquê?

R. — A minha patrulha não assina, mas lê e sou eu o assinante. Quanto a mim, o jornal tem interesse relativo, só fugindo, por vezes, certos artigos à ética escotista Porém, não vos culpo, porque sei que os redactores não possuem dados suficientes para poderem desenvolver artigos ao nível dos grupos nacionais, por falta de actividade e colaboração destes.

Chegara ao fim a entrevista. Desejamos ao Carlos Alberto *boa caça* na senda escoteira.

Hoje melhor que ontem; amanhã melhor que hoje.

«GAMO LIGEIRO»

TÉCNICA DE OBSERVAÇÃO

Por GAMO LIGEIRO

AS AVES

Conclusão

Adaptado de «Espécies Europeias — As Aves», de L. Bertrand

O NINHO — A fim de manter à volta dos seus ovos uma temperatura elevada e constante, as aves são obrigadas a chocá-los. É provável que o instinto as leve a construir um ninho, a fim de tornar o choco mais cómodo e assegurar depois um abrigo protector aos recém-nascidos.

Existe uma notável diversidade na posição, tamanho, forma e estrutura dos ninhos. As aves de espécies semelhantes constroem os ninhos da mesma maneira e com os mesmos materiais. O ninho mais simples é constituído por uma cavidade natural: no côncavo duma árvore, debaixo duma pedra, no rebordo dum telhado, na fenda dum rochedo, etc., sem nenhuma preparação. Assim procedem os bufos, as poupas, etc. . .

Algumas aves apoderam-se do ninho do vizinho. É deste modo que o andorinhão toma o do estorninho, que o pardal adopta o da andorinha.

Os ninhos mais simples são constituídos por ramagens acumuladas sobre uma saliência de rocha, no garfo duma árvore, como o ninho da águia, da cegonha, do pombo bravo, da pega.

Os ninhos cavados na terra são para a cotovia ou para a cordoniz simples abrigos abertos na superfície do solo; enquanto o guarda-rios e o abelharuco perfuram compridas e estreitas galerias que levam a uma câmara, na qual põem

Continua na pág. 7

PIONEIRISMO

CONSTRUÇÃO DE UMA PASSARELA

Vamos hoje construir uma passarela para embelezar a entrada do teu campo de férias.

Precisas de quatro juncos fortes, de 2.30 metros de comprimento. afiados nas extremidades, para serem espetados no solo.

É necessário também dois suportes longitudinais de 3 metros, nove travessas de 0,80 metros, oito estacas de madeira e alguns metros de espia fina e grossa

Repara agora na gravura da passarela: verificas que o material acima descrito se encontra todo aplicado, sendo quase desnecessário as nossas palavras para deitares mãos à obra.

Nos cruzamentos das varas aplicas a conhecida ligação em cruz e assim obténs uma sólida amarração.

Para espiar a passarela, basta utilizares a volta aplicada na gravura 2 e a volta de arreto junto às estacas, tendo o cuidado de reforçares as estacas grandes, conforme o indicado na gravura 3, para que não se soltem no terreno quando se exerça pressão na passarela.

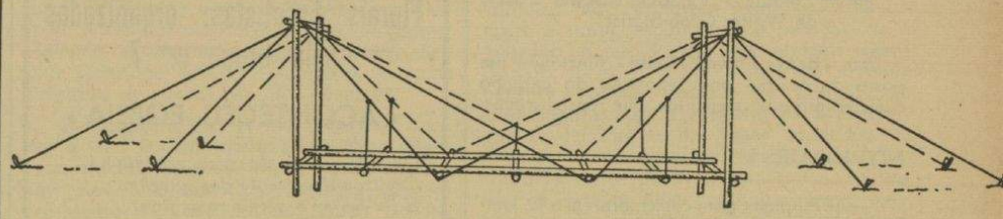
Parece-nos que a construção é bastante fácil de executar, mas não te esqueças de fazer a coisa como deve ser e sem pressas, para que o trabalho resulte perfeito.

Não te esqueças ainda, visto que a figura não o indica, de arranjares um estrado para servir de passadiço e que deve ficar sobreposto nas travessas da passarela.

A tua imaginação e gosto devem entrar em acção para os acabamentos do trabalho.

Um abraço e mãos à obra.

PATA DE LOBO



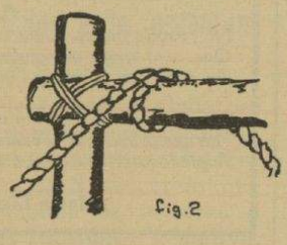


Fig. 2

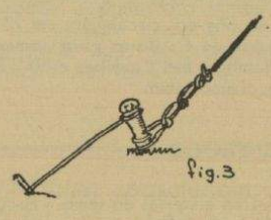


Fig. 3

O CONCURSO DE DESENHOS

Continuação da pág. 1

este que neles havia talento a desabrochar. O tempo o dirá e oxalá que sim.

Lamentamos não termos podido alargar aos meninos de 5 e 6 anos a participação no concurso, porque alguns trabalhos de muito mérito eram da autoria de crianças destas idades, pelo que não puderam ser classificados, visto o regulamento o não permitir.

A COMPOSIÇÃO DO JÚRI

O Júri que apreciou e classificou os trabalhos concorrentes, era composto pelos srs. Manuel Cabido e Rui Horácio Macedo, estudantes de Arquitectura e de Belas Artes, e Armando Inácio, redactor e delegado de «Sempre Pronto».

O Júri reuniu na sede da Fraternal dos Antigos Escoteiros, no dia 17 de Julho, p. p.

A CLASSIFICAÇÃO



Por deliberação do Júri, foram classificados em separado os dois temas, sendo, portanto, apurados os seis melhores trabalhos de cada um deles para efeitos da atribuição dos prémios.

Classificação do tema «Como vi um acampamento escotista»:

1.os (ex aequo) **João José da Costa Cruz Oliveira, 9 anos, Gr. 84; Maria Gabriela Costa Cruz Oliveira, 7 anos, Gr. 84; Mário Rui Aragão dos Santos, 11 anos, Gr. 94.**

4.º **Maria Angela D. Carvalho, 10 anos, Gr. 84.**

5.º **António Luís C. Fernandes, 11 anos, Gr. 53, CNE.**

6.os (ex aequo) **Carlos Alberto C. Fernandes, 9 anos, Gr. 53, CNE; Álvaro Garcia Sequeira, 10 anos, Gr. 94.**

8.os (ex aequo) **Teresa Maria F. R. Martins, 7 anos, Gr. 84; Isabel Maria S. Ribeiro, 7 anos, (particular).**

10.os (ex aequo) **Inês Maria C. Calado, 8 anos, Gr. 84; Olga Maria D. Carvalho, 11 anos, Gr. 84; João Carlos C. Fernandes, 7 anos, Gr. 53, CNE.**

13.º **Júlio Manuel Rodrigues Santos, 10 anos, Gr. 94.**

14.os (es aequo) **Luís Manuel Boavista, 9 anos, Gr. 84; António Manuel S. Galhano, 11 anos, Gr. 84.**

16.os (ex aequo) **José Carlos M. Abrantes, 8 anos, Gr. 8; Luís Filipe Afonso Campos, 8 anos, Gr. 94.**

18.os (ex aequo) **João António Gonçalves, 8 anos, Gr. 8; António José D. P. Toze, 9 anos, Gr. 84.**

20.os (ex aequo) **Rui Jorge B. L. M. Claudino, 9 anos, Gr. 84; Luís Filipe Afonso Campos, 8 anos, Gr. 94.**

Classificação do «tema livre»:

1.º **Manuel Dias da Silva, 11 anos, Gr. 94.**

2.os (ex aequo) **Mário Rui Aragão dos Santos, 11 anos, Gr. 94; Augusto Jorge C. Fernandes, 10 anos, Gr. 53, CNE.**

4.º **José Vítor Reis Carolino, 11 anos, Gr. 94.**

5.os (ex aequo) **Álvaro Garcia Sequeira, 10 anos, Gr. 94; Luís Filipe Afonso Campos, 8 anos, Gr. 94.**

7.º **Artur Norberto R. Cabral, 10 anos, Gr. 8.**

8.º **José Lúcio S. Gomes, 7 anos, Gr. 53, CNE.**

9.º **Isabel Maria S. Ribeiro, 7 anos, (particular).**

10.º **Gilberto H. Costa Ventura, 10 anos, Gr. 94.**

11.º **João Manuel Bento Marques, 11 anos, Gr. 94.**

12.º **Júlio Manuel Rodrigues Santos, 10 anos, Gr. 94.**

VOTOS DE LOUVOR

O Júri decidiu conceder votos de louvor aos seguintes meninos que, por idade insuficiente à face do Regulamento, não puderam ser admitidos no concurso, mas apresentaram trabalhos de merecimento:

Maria Inês Mendes, de 5 anos; Licínia Maria, de 5 anos; Ana Paula Castro e Costa, de 5 anos; Paula Mendes, de 6 anos e Isabel Maria Dias Fresco, de 5 anos, todas do Grupo 84 e Mário Alberto Guerreiro Milheiro, de 6 anos, do Grupo 94.

A PRIMEIRA EXPOSIÇÃO

Já se realizou uma exposição dos trabalhos concorrentes a este concurso, que esteve patente no Campo-Escola da Costa da Caparica, onde foi admirada por bom número de visitantes.

Tenciona este jornal levar a efeito outras exposições, cujos locais e datas serão oportunamente anunciados.

A. I.



PRÉMIOS DO CONCURSO

Tema — «Como vi um acampamento escotista». Volumes da Colecção «Quer Saber»:

João José da Costa Cruz Oliveira — Edison.

Maria Gabriela da Costa Cruz Oliveira — Florence Nightingale.

Mário Rui Aragão dos Santos — Albert Schweitzer.

Maria Angela D. Carvalho — Florence Nightingale.

António Luís C. Fernandes — História da Enfermagem.

Carlos Alberto C. Fernandes — Descobrimentos Henriquinos.

Álvaro Garcia Sequeira — A Conquista do Pólo Norte.

«Tema livre»

Manuel José Dias Silva — Descobrimentos Henriquinos.

Mário Rui Aragão dos Santos — História do Dinheiro.

Augusto Jorge C. Fernandes — A Viagem de Vasco da Gama.

José Vítor dos Reis Carolino — Albert Schweitzer.

Álvaro Garcia Sequeira — A Viagem de Vasco da Gama.

Luís Filipe Afonso Campos — Florence Nightingale.

TRINTA ANOS MAIS TARDE

Continuação da pág. 1

Afinal a luta não terminou. Veio a «guerra fria», que em alguns locais aqueceu ao rubro e provocou novos conflitos sangrentos. As fábricas produzem hoje tudo quanto possa matar, enquanto as armas circulam livremente e vão equipar todos os braços que estejam dispostos ao combate. Aqui e mais além escutam-se vozes que descobrem certas virtudes na guerra. Há mesmo zonas do mundo onde os povos se erguem entusiasmados a reclamar dos governos actos de beligerância, a pedir a guerra, a estimular violências. Há estadistas que ameaçam; forças armadas que «castigam»; exércitos que invadem; gera-se de novo clima de guerra.

A memória dos povos é infelizmente muito fraca. Parece ignorar-se que da guerra nada pode resultar de bom, de útil, de digno de aprovação. Qualquer pequeno conflito poderá ser o rastilho que incendeie o mundo, com todo o cortejo de infelicidades. É esta a situação do mundo em que vivemos. É certo que, por outro lado, assistimos constantemente a expressivas manifestações de protesto contra a guerra, mas parece que nem sempre esses protestos se erguem contra a Guerra em si própria, mas toma-se partido a favor de um dos contendores. Devemos condenar inexoràvelmente todos os agressores, os fomentadores de ódios, os que dão origem a conflitos, mas devemos fazê-lo de forma que se entenda bem que odiamos a Guerra em absoluto.

É lamentável que se apurem tantas similitudes entre a época que estamos vivendo e a década de trinta que acalentou ódios sem conta e gerou a guerra. Devemos estar prevenidos da situação e fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para evitar que o belicismo, o amor à guerra, se instale nos espíritos. Devemos rejeitar todas as sugestões de intolerância, todos os desejos de violência, todos os convites ao ódio, para que os fautores de guerras não possam encontrar clima favorável às suas vis maquinações. O Escotismo tem gloriosa missão a desempenhar nesta obra se os Chefes estiveram à altura das suas responsabilidades e atentos aos seus deveres. A nossa acção é semear sentimentos de boa vontade, de Amizade e de Generosidade na alma da juventude. Se ganharmos a mocidade para os ideais Escoteiros, a guerra nunca mais terá lugar no mundo.

E. R.

A criança, mais do que ninguém, tem necessidade de admirar a quem ama.

ILSE LOSA

O Pardal e o Carapau

(Fábula à maneira antiga)

Um carapau e um pardal
Viram-se (a história é boa)
Um pousado num beiral
E o outro vogando à toa.

Diz o pardal, azougado
Anotador do que ocorre:
«Olha um pardal mergulhado,
«Coitado! Porque não morre?»

E o carapau, que não chora
Mas não deixa de ter mágoa,
O outro «carapau» deplora
Porque vive fora de água...

Pensa o mundo, e pensa mal:
«Tudo é bom...», ou «tudo é mau..»
Porque nem tudo é pardal
E nem tudo é carapau.

O mentiroso duvida,
O ladrão sempre suspeita.
Cada qual encara a vida
Conforme ele a julga feita.

Eduardo Moreira

Estoril, Março 1969.

A caminho da Lua, os astronautas da «Apolo-11» saudaram os escoteiros reunidos no Jambori Nacional dos Estados Unidos da América

Embora tivessem muitas outras preocupações além da de pensarem no escotismo, os astronautas da «Apolo-11» não se esqueceram de enviar uma mensagem para o Jambori Nacional dos Escoteiros dos Estados Unidos, durante a viagem para a Lua. O posto dos escoteiros caminheiros n.º 324, de South Bend, no Indiana, que é mantido por uma estação de rádio e de TV, registou a mensagem às 8 h. e 15 m. TMG de 18 de Julho último (o comentador era Walter Cronkite, que tinha a seu lado, nos estúdios da Emissora de Colúmbia, o astronauta «Wally» Schirra).

Fala Neil Armstrong (do espaço): «Desejo dar os bons dias a todos os meus amigos escoteiros que participam no Jambori Nacional que se está realizando esta semana em Farragut State Park, no Idaho. *Apollo-11* envia-lhes os seus melhores votos». *Missão de «contrôle» em Houston:* «Obrigados, *Apolo-11*, estamos certos de que, se os escoteiros não vos escutaram agora, tomarão conhecimento da vossa mensagem através das informações. Apreciámos muito a vossa atitude». *W. Cronkite*: «Os melhores votos para o Jambori de Farragut Park». *W. Schirra*: «Sabe certamente que quase todos os astronautas foram escoteiros, não é verdade? A percentagem é muito elevada». *W. Cronkite*: «Você foi *Eagle Scout*, não é verdade, Wally» *W. Schirra*: «Não, eu não passei da 1.ª classe, mas meu filho é que é um *Eagle Scout*». *W. Cronkite*: «Eu *chumbei-o* numa prova».

O astronauta Neil Armstrong era *Eagle Scout* e «Buzz» Aldrin era um escoteiro de 2.ª classe.



HÁ 20 ANOS "SEMPRE PRONTO" PUBLICAVA:

A disciplina no escotismo

Disciplina!...

Eis o fantasma que muitos vêem, ameaçador, de azorrague na mão, pronto a restringir os naturais impulsos da juventude.

Erro crasso. Disciplina é, antes, cumprimento honroso dos deveres, das ordens ou instruções superiores. Respeito e compreensão dos subordinados.

No escotismo, a disciplina aceita-se ou impõe-se com dignidade e camaradagem.

Disciplinado só é o escoteiro que, cumprindo, não se torna subserviente, porque disciplina é obediência raciocinada, metódica e ordenada.

E, assim, no escotismo, onde todo o escoteiro, guia ou dirigente deve e tem de ser disciplinado e disciplinador, a disciplina exige-se sem prepotência, antes de forma compreensiva, com espontânea fraternidade, como orientação devida pelo irmão mais velho ao mais novo, no desejo de se auxiliarem mùtuamente.

Disciplina, que no escotismo é garantia de ordem, força e eficiência, deve, e há-de ser (...) uma das virtudes a cultivar por escoteiros e dirigentes.

L. Mendonça
«Pena Vermelha»

(Antigo escoteiro do Grupo n.º 1)

O BOM HUMOR DE **BADEN-POWELL**



Enquanto não publicamos o primeiro episódio ou anedota de B.-P. que um dos nossos amigos nos queira enviar, continuamos a transcrever acontecimentos narrados pelo Fundador que encontramos nos seus livros.

O episódio que hoje contamos, mostra bem as extraordinárias possibilidades de B.-P. para atrair o interesse das outras pessoas, a sua imaginação e a decisão com que ele enfrentava as dificuldades.

Oiçamos B.-P.:

Acabava de desembarcar em Malta, de volta de uma viagem à Sicília. Comprara ali, como curiosidade, uma daquelas grandes selas de latão com que os habitantes enfeitavam os cavalos e as mulas.

A sela era decorada com uma fila de botões de metal dispostos ao longo de uma ponta que se virava para a parte da frente e terminava com duas pequenas bandeiras de latão. Dos lados, viam-se outros botões maiores.

Um amigo, ao ver-me chegar com este estranho objecto, perguntou-me:

— Isso é um instrumento musical?

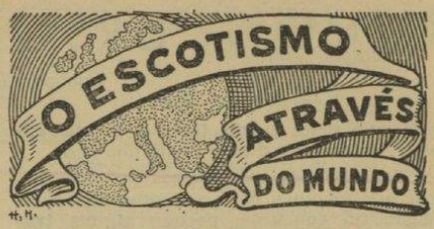
— Que queria você que fosse? — respondi-lhe.

Então, pediu-me, com o ar mais sério deste mundo, que eu fosse tocar num concerto que se realizava na semana seguinte.

Foi o que fiz. Combinei com a orquestra a execução de um nocturno de grande classe, que eu acompanharia, a solo, com o meu «selurafone».

Entretanto, dotei o meu instrumento duma correia para o suspender do pescoço e fixei um pente coberto de papel de seda junto à minha boca. Na altura do concerto, «cantei» através do pente com alta voz de falsete, fingindo que tocava o instrumento por meio de duas pequenas bandeiras, dedilhando as notas da melodia nos botões de frente e, fazendo rodar os grandes botões dos lados, fingia que dava os tons.

Nenhum espectador deu conta da peça que eu lhes pregara.



República Centro-Africana

Este país tornou-se, em 30 de Julho último, o 96.º membro da Conferência Mundial do Escotismo.

A organização escotista nacional — o Colégio Interfederal do Escotismo Centro-Africano, reúne cinco associações, três de escoteiros e duas de guias. Os efectivos elevam-se a 6 696 rapazes, dos quais 400 chefes seguiram cursos de formação no corrente ano. Os primeiros grupos datam de 1941 e a assembleia geral dos escoteiros reúne-se regularmente desde 1959.

O país alcançou a independência em 1960.

Os escoteiros centro-africanos têm já um passado bastante activo: participaram na realização de projectos rurais, na construção de escolas, de centros de alfabetização e de pontes.

O programa dos caminheiros compreende, entre outras coisas, a agricultura e a piscicultura.

Estados Unidos da América

Uma engenhosa maneira de aplicar o princípio escotista *ask the boy* (peça ao rapaz), inspirador do movimento nos nossos dias, foi experimentado pelos escoteiros dos Estados Unidos por ocasião do seu Jambori Nacional em que participaram 28 510 rapazes. Houve discussões, primeiro ao nível de patrulha, depois ao nível de grupo, acerca da maneira de aplicar o lema do Jambori «*Construir para servir*», uma vez regressados a suas casas. As ideias expressas foram discutidas durante 19 fogos de conselho, aonde um representante de cada subcampo trouxe as ideias do seu grupo ao *Forum* do Jambori.

Cada um dos 19 rapazes falava em nome de 1 700 escoteiros e caminheiros. Um conselho de gestão redigiu então uma «declaração de intenções» que compreendia as seguintes sugestões: falta de contacto entre as pessoas; abuso dos recursos naturais; enfraquecimento do respeito que os jovens devem a eles próprios em face do aumento do uso do tabaco e do álcool; falta de elevação na comunidade; criação de laços de amizade entre o escotismo e a comunidade, sobretudo nas regiões pouco desenvolvidas; a ideia que o público faz do escotismo.

Rodésia

Uma Boa Acção pouco convencional foi levada a efeito pelos escoteiros de Maxonalândia, que efectuaram uma busca num sector de 25 milhas quadradas, a fim de encontrar e retirar armadilhas para os animais selvagens. A colheita foi inesperada, pois os escoteiros conseguiram neutralizar 600 armadilhas. Uma excelente reportagem foi publicada nos jornais locais, onde é narrada ao público a história desta campanha.

ESCOTEIROS E NÃO ESCOTEIROS! FILATELISTAS E NÃO FILATELISLAS!

O apelo feito nestas colunas pedindo a remessa de selos postais usados à Associação dos Esctoeiros de Portugal — Cais do Sodré — Lisboa 2, continua a obter significativas respostas. Agora chegou de Luanda um bom lote de selos enviado pelo nosso amigo Sr. Eduardo Alves da Silva.

Como já foi dito, estes selos serão remetidos à Repartição Mundial de Escotismo com destino ao Fundo especialmente criado para ajudar o Escotismo de Extensão (cegos, deficientes motores, etc.).

Trata-se, portanto, de uma obra que merece a sua colaboração, caro Leitor!

DO ENTRONCAMENTO

Grupo N.º 84

Acampamento de Patrulhas

Nos dias 11, 12 e 13 de Julho passado, as patrulhas Águia e Leão promoveram um acampamento, que se realizou no Parque de Campismo da Vila. No dia 11 efectuou-se o fogo de conselho, que teve a presença de pessoas de família dos escoteiros e campistas acampados, alguns estrangeiros. O «fogo» decorreu com muita animação, tendo os escoteiros evidenciado as suas possibilidades artísticas.

No domingo, os lobitos e avezinhas visitaram o acampamento, tendo assistido às actividades realizadas. A Patrulha «Vasco da Gama» também participou no acampamento durante o fim de semana.

As actividades tiveram a colaboração do Chefe do Grupo e do Chefe da Tribo».

Excursão a Tomar

Dirigida pelo Subchefe do Grupo, no dia 27 realizou-se uma excursão ciclista à cidade de Tomar, tendo os participantes saído do Entroncamento cerca das 8 horas da manhã. A viagem de ida foi feita pela estrada da Atalaia e Asseiceira, e o regresso efectuou-se pelas povoações de Curvaceiras e Lamarosa.

Acampamento de Patrulhas

Em 2 de Agosto, a Patrulha «Vasco da Gama» acampou no sítio conhecido por «Bonito», excelente local para acampamento, onde existe boa água de nascente. Esta actividade, como as anteriores, estava integrada no concurso que está decorrendo no Grupo.

No dia 3, domingo, o acampamento foi visitado pelas novas Aquelás da Alcateia do Grupo, a quem o Chefe Horta deu explicações acerca das ornamentações e trabalhos montados no campo, a fim de familiarizar estas novas dirigentes com a vida escoteira.

No último dia, vieram levantar as suas tendas neste mesmo local as patrulhas Água, Galo e ainda a Leão, que chegou mais tarde. — *Correspondente Vítor.*

TÉCNICA DE OBSERVAÇÃO

Continuação da pág. 4

os ovos e criam os seus filhos. A galeria cavada pelo abelharuco pode ter dois metros de profundidade. O do *Pica-Pau verde* possui um orifício de 7 cm. de diâmetro e tem 38 cm. de profundidade. O interior está guarnecido com aparas de madeira. Coisa semelhante acontece com outras aves.

Os ninhos fabricados são construídos ao abrigo da chuva, em terra argilosa, reforçada com penugem e erva amassada com saliva. As andorinhas das chaminés e dos beirais constroem-nos assim. Uma andorinha tem de fazer 500 viagens para ver o seu ninho pronto numa semana.

Os ninhos tecidos são feitos de materiais de toda a natureza: pedacitos de erva, folhas secas, líquenes, musgo, pêlos, crinas, lã, fios de teias de aranha, etc... Os ninhos são habitualmente pequenos cestos adaptados ao tamanho da ave; esta, logo que acaba o interior do ninho, coloca-se no centro e ao trabalhar, gira sobre si própria, dando assim à concavidade a forma do seu corpo.

OS OVOS — Segundo a espécie de ave que os põe, os ovos variam de forma, de aspecto, de coloração e de número numa mesma postura.

Forma — Ovos quase redondos (aves de rapina);

— Ovos ovais ou elípticos (mergulhão, falcão, gaivota, papa-figos);

— Ovos levemente intumescidos na extremidade (é a forma clássica);

— Ovos muito intumescidos numa extremidade e pontiagudos na outra papagaio do mar e pavoncinos).

Aspecto — Ovos lisos e luzidios (pássaros e galináceos);

— Ovos lisos e mates (aves carniceiras e aves pernaltas);

— Ovos de aspecto engordurado (patos)

Coloração — muitos ovos de aves são brancos; outros, coloridos ou manchados Estas manchas são simples ponteados, ou em faixas ou marmoreados; por vezes estão agrupadas em calotas ou em coroa numa extremidade do ovo.

Número de ovos por postura — As aves do mar põem frequentemente um único ovo. A pomba põe 2. A garça real, 3 a 5; o chapim, 5 a 14; a perdiz, 10 a 16.

POSTURA E CRIAÇÃO DOS FILHOTES — Uma vez postos, os ovos são chocados, quer pela fêmea, quer, alternadamente, por ela e pelo macho. O tempo da incubação varia muito segundo as espécies.

Certos filhotes, desde a sua saída do ovo, estão aptos a deslocar-se e a alimentar-se por si próprios, como o pintainho doméstico. Outros nascem quase nus, fracos e cegos, e ficam durante um longo período totalmente dependentes dos pais. Os ninhos ocupados estão normalmente muito limpos. O excremento dos filhotes está envolvido dum muco que permite aos pais transportá-lo no bico para longe do ninho. O ninho da poupa é uma excepção à regra: está mal conservado e pulula de bicharia, de que a prole se alimenta.

Os pais que chocam ou alimentam os filhos podem abandonar o ninho se alguém mexer nos ovos ou se uma presença muito próxima os assusta. Pode proteger-se as posturas, aconselhando o respeito pelos ninhos e pelos ovos.

Para ti, irmão escoteiro

Por que será?

Por que será que a patrulha Pica-Pau, que últimamente fora a melhor dentro do Grupo, se está a arrastar para o desleixo? Não é justo, nem lógico, que uma patrulha, óptima como foi, se deixe passar à frente pelas outras.

Acaso a patrulha Pica-Pau não terá elementos capazes e experientes que a possam tornar a levantar, ela que, há tempos atrás deu que falar? Que os tem parece que sim, mas com vontade de trabalhar é que parece que não!

Ora, se a patrulha foi boa, por que motivo não continua a ser?

Se os seus escoteiros começarem a trabalhar, tudo irá pelo melhor e, em breve, estará novamente no primeiro lugar, se não... que vergonha para vocês!

Tenho notado que os escoteiros dessa patrulha, na maioria, são amigos íntimos na vida quotidiana, mas na sede e no campo, nas reuniões de patrulha e nas competições, surgem discórdias sobre esta ou aquela maneira de actuar e até quanto ao trabalho em conjunto. Isto é mau e só traz desvantagens à boa marcha da patrulha.

Discutam, sim, mas em discussão limpa, correcta e sincera, não apenas com espírito de contrariar, mas com o intuito de que nasça uma luz para cada assunto, para cada problema.

Ao trabalho, «Picas», que a vitória é de vocês!

«GAMO LIGEIRO»

CONHEÇA O SIGNIFICADO

«*AD VALOREM*» — Surge muitas vezes este termo a classificar direitos aduaneiros estabelecidos pela importação de mercadorias em PROPORÇÃO DO VALOR DESTAS. São fixados pelo Estado, mas as câmaras municipais podem também lançar impostos *ad valorem* sobre o peixe pescado ou vendido nos concelhos de sua administração.

ADUANEIRO — Palavra derivada de *aduana*, o mesmo que alfândega. *Aduaneiro*, portanto, é *adjectivo* que serve para qualificar o que diz respeito às alfândegas. Por exemplo: *direitos aduaneiros*, o mesmo que alfandegários, tributo que se paga pelas mercadorias que passam pelas alfândegas.

ÁGIO — Etimològicamente quer dizer *aumento*. É a diferença entre o valor nominal e o valor real de uma moeda. O *valor nominal* é aquele que está escrito na própria moeda. O *valor real* é o valor negociável, aquele que a moeda vale em confronto com o ouro ou a moeda padrão.

Ágio é também o *prémio* que se paga por uma operação de câmbio, bancária ou prestamista. É, portanto, o lucro na troca ou câmbio de moedas ou papéis de crédito por dinheiro.

Ágio do ouro é a diferença que resulta da maior-valia (aumento de valor) da moeda de ouro entre duas datas.

AGIOTAGEM — Esta palavra tem um sentido jurídico e um sentido pejorativo. Como actividade lícita é caracterizada pela cedência (empréstimo) de uma soma de dinheiro, mediante o pagamento de um ganho, que se designa por *juro*. Este juro está regulado por lei e o máximo permitido é de 8% nos contratos com garantia real (penhora ou hipoteca) e de 10% nos contratos sem garantia ou garantidos por simples fiança, estas taxas podem ser elevadas, em caso de mora, a mais 4%.

A actividade torna-se ilícita quando excede os limites legais. Foi a actividade ilícita que deu à palavra *agiotagem* o seu significado pejorativo. O *agiota* é o usurário, o que explora a necessidade, a miséria, levando juros proibidos.

SEMPRE PRONTO

Número 293

Setembro de 1969

MENSÁRIO ESCOTISTA

Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

12.° JAMBORI DO AR

Nos dias 18 e 19 de Outubro próximo, desde as 0 horas, TMG, de sábado até às 24 horas (TMG) de domingo, estará no ar o 12.° Jambori, um laço mais para fortalecer a fraternidade entre os Escoteiros do Mundo. Todos os Grupos devem diligenciar participar nesta simpática actividade, solicitando a colaboração dos Rádio-Amadores, que solìcitamente têm oferecido os seus serviços aos Escoteiros. O Organizador Nacional do 12.° Jambori do Ar distribuiu já por todas as unidades informações muito completas sobre o acontecimento. Basta seguir a orientação traçada. Os Escoteiros, portanto, estarão à escuta em 18 e 19 de Outubro próximo.

O SIGNIFICADO DA SAUDAÇÃO ESCOTEIRA

Os três dedos estendidos representam os três artigos da Promessa Escotista:

1 — Amar e servir fielmente a Deus e a Pátria;

2 — Auxiliar o próximo em todas as circunstâncias;

3 — Obedecer à Lei do Escoteiro.

O dedo polegar (forte) sobre o mínimo (fraco), lembra ao escoteiro que o mais forte auxilia o mais fraco.

A união estabelecida pelos dois referidos dedos significa ainda a fraternidade escoteira.

A SAUDAÇÃO ESCOTEIRA DO PROFESSOR MARCELO CAETANO



Foi assim, com entusiasmo, que o Sr. Professor Marcelo Caetano, Presidente do Conselho de Ministros do Governo Português, saudou os escoteiros brasileiros reunidos em Belo Horizonte.

Foto do diário «Estado de Minas» — Belo Horizonte